JULIO DANTAS

1023

PORTUGAL BRASIL L.DA
SOCIEDADE EDITORA
Lisboa

1023

Episódio em verso, representado pela primeira vez no Teatro da República, de Lisboa, em março de 1914.

Teatro de Júlio Dantas

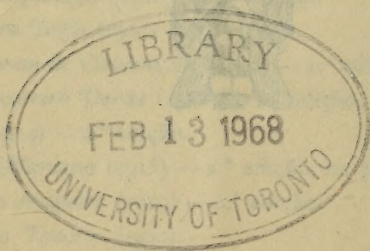
O que morreu de amor (1899) — 4.ª edição.
Viriato Trágico (1900) — 2.ª edição.
A Severa (1901) — 4.ª edição, no prelo.
Crucificados (1902) — 3.ª edição.
Ceia dos Cardeais (1902) — 23.ª edição.
D. Beltrão de Figueirôa (1902) — 4.ª edição.
Paço de Veiros (1903) — 2.ª edição.
Um serão nas Laranjeiras (1904) — 3.ª edição.
Rei Lear (1906) — 2.ª edição, no prelo.
Rosas de todo o ano (1907) — 7.ª edição.
Mater Dolorosa (1908) — 4.ª edição.
Santa Inquisição (1910) — 2.ª edição.
Primeiro Beijo (1911) — 4.ª edição.
D. Ramon de Capichuela (1912) — 2.ª edição.
O Reposteiro Verde (1912) — 2.ª edição.
1023 (1914) — 2.ª edição.
Sóror Mariana (1915) — 2.ª edição, no prelo.
Carlota Joaquina (1919) — 2.ª edição.
D. João Tenório (1920).

JÚLIO DANTAS
Sócio efectivo da Academia das Sciências de Lisboa
Da Academia Brasileira de Letras

1023

1 ACTO EM VERSO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

A ANTERO DE FIGUEIREDO

FIGURAS

Um cauteleiro	Chaby Pinheiro
Um carteiro	Pinto Costa
Um sujeito que lê	Manuel Pina
Uma *bonne*	Ana Espinoza
Uma criança	N. N.

Lisboa — actualidade.

1023

Jardim público, em Lisboa. Um banco à E. B.; perto, um marco do correio. Outro banco à D. F., no alinhamento do primeiro. Tarde de sol. Passa pouca gente. No banco da E. B., uma «bonne», loira, de avental branco, brinca com uma criança. No banco da D. F., um burguez velho, sêco, de suissas, fraque preto, lê um jornal. ROMÃO, *carteiro, palidez de cardíaco, casacão de mescla, mala de coiro, entra pelo F. D., abre a caixa do correio, tira as cartas, mete-as na mala; depois assenta-se no banco da E. B., ao pé da «bonne», pousa a mala, tira o boné, limpa o suor com o seu grande lenço de Alcobaça.*

A BONNE, *levantando-se, mal o carteiro se assenta, e chamando a pequena, que brinca em volta do banco:*

Ande, venha, Mimi.

O CAUTELEIRO, *entrando pelo F., a apregoar a lista, calça de belbute, boina, lenço de pintas azúis ao pescoço:*

Quer a lista geral!

Ao sujeito que lê:

Quer a lista?

O SUJEITO, *furioso:*

Não vê que estou lendo o jornal?

Malcriado!

O CAUTELEIRO, *afastando-se:*

Está bom. Basta.

O SUJEITO, *continuando a lêr:*

Praga maldita!

O CAUTELEIRO, *à* BONNE, *que passa junto dele com a criança pela mão*:

O que vale é assim uma cara bonita,
De vez em quando.

A BONNE, *saíndo pelo F.:*

Tolo!

O CAUTELEIRO, *vendo o* CARTEIRO *e aproximando-se*:

A lista, ó camarada.

ROMÃO *não responde; o* CAUTELEIRO *insiste:*

Vêr a lista geral?

O CARTEIRO, *sem o olhar:*

Não.

O CAUTELEIRO

Não tem jôgo?

O CARTEIRO

Nada.

O CAUTELEIRO

Quê? Então não jogou esta semana?

O CARTEIRO

Não.

Olhando-o, com estranheza:

Como sabe você que eu jógo?

O CAUTELEIRO, *rindo:*

Seu Romão!
Olha! Não me conhece! – O 15... O Zé Canelas!

O CARTEIRO

Então vocemecê anda a vender cautelas,
Homem?

O CAUTELEIRO

Ando.

O CARTEIRO

Você já não está ao serviço?

O CAUTELEIRO

Já lá vai o boné.

O CARTEIRO

Castigo, ou que foi isso?

O CAUTELEIRO

Qual castigo! Ninguêm me castigou.

O CARTEIRO

Hom'essa!

O CAUTELEIRO

Uma coisa qualquer que me deu na cabeça
E vai daí, — adeus. Pedi a demissão.

O CARTEIRO

Falta de juizo, é que é.

O CAUTELEIRO, *assentando-se nas costas do banco:*

Falta de vocação.
Inda não é quem quer que pode ser carteiro.
Tem mais futuro, sim, ganha-se mais dinheiro,
É uma posição mais decente, é verdade...
Mas isto, meu amigo, é outra liberdade!

O CARTEIRO

E isso da venda, deixa alguma coisa?

O CAUTELEIRO

Pouco.

Por causa do pregão andei três mezes rouco.
Outro mez no hospital... – Emfim, Deus nos ajude.

Depois dum silêncio, mudando de tom:

Por lá, vocemecê, como vai a saúde?

O CARTEIRO

Cançado. Incham-me os pés. Depois, não durmo nada...
Dizem que é coração.

O CAUTELEIRO

Sobe-se tanta escada

Pausa:

E a petiza?

O CARTEIRO, *a rir, com bonomia:*

A petiza? A minha neta? Bem.
Coitadinha, – morreu-lhe há seis mezes a mãe.
Tem o avô de a deitar, de a vestir, de entretê-la...
Se eu morro para aí, que há-de ser feito dela!

O CAUTELEIRO

Não pense nisso.

O CARTEIRO

Penso. E penso muita vez.

Mudaudo de tom, como afastando um mau pensamento :

O número da sorte ?

O CAUTELEIRO, *mostrando-lhe a lista :*

É o mil e vinte e três.

Não tem jôgo ?

O CARTEIRO

Comprei quálquer coisa, há dois dias.
Costumei-me a jogar todas as loterias
Num vigéssimo. Três tostões.

Tirando a carteira do bolso :

Está aqui.

O CAUTELEIRO

Que número ?

O CARTEIRO

Não sei.

O CAUTELEIRO

Inda não viu?

O CARTEIRO, *metendo a carteira no bolso:*

Não vi.
Há seis anos que jógo, — e de sorte, nem raça.

O CAUTELEIRO

Dê-mo cá, ti' Romão, que eu vejo-lho de graça.

O CARTEIRO

Não quero. É da pequena. — Está uma mulher.
Comprei-o para ela, — ela é que o ha-de vêr.
Abrí-lo, a rir, e lêr o número ao avô.
Faz os sete anos hoje. É a prenda que eu lhe dou.

O CAUTELEIRO

Deixe vêr sempre.

O CARTEIRO

Não. Vai ela vê-lo ao estanco.

Com tristeza, tirando o tabaco:

E depois, para quê ? Isto sái sempre branco !

Oferecendo:

Um cigarro ?

O CAUTELEIRO, *tirando um cigarro*

Pois vai.

Vendo o ROMÃO *acender a isca :*

Tome tento com isso.

O CARTEIRO

Mas você, porque foi que deixou o serviço ?
Que diabo ! Isto já foi peor do que é agora.
Deitar oito tostões pela janela fóra !
O pão certo, — e depois, o amparo da velhice . . .
Ou eu me engano muito, ou você fez tolice.

2

O CAUTELEIRO

Sim, talvez.

O CARTEIRO

Só se alguêm o ofendeu...

O CAUTELEIRO

Não. Ninguêm.
O serviço era pouco e tratavam-me bem.

O CARTEIRO

Nenhum castigo, nem...

O CAUTELEIRO, *com orgulho*:

Nem uma repreensão!

O CARTEIRO

Mas houve uma razão...

O CAUTELEIRO

Sim, houve uma razão.
Que diabo! Um passo assim não se dá sem motivo.

O CARTEIRO

Nomearam outro supra?

O CAUTELEIRO

Eu já era efectivo.
Não. A coisa foi outra. Olhe: quer que lhe diga?
A minha demissão deu-ma uma rapariga.
Não devia ir-me embora; êle as razões são boas;
Mas isto, a gente cria afeição às pessoas,
E depois custa muito... A vida é uma cadela!
Isto, ter coração...

Mudando de tom e escondendo a comoção:

Venha lá a cautela.
Deixe vêr isso. Fica a história p'ra outra vez.

Cantarolando, pensativo:

O número da sorte é o mil e vinte e três...

O CARTEIRO, *depois dum silêncio:*

Foi uma rapariga então, que... que...

O CAUTELEIRO

Coitada!

O CARTEIRO

Mas que demónio foi que ela lhe fez?

O CAUTELEIRO

Hum... Nada.

Recordando, vagamente:

Há sete mezes... Tinha entrado a primavera...

O CARTEIRO, *a mêdo*:

Companheira?

O CAUTELEIRO

Não, não.

O CARTEIRO

Irmã?

O CAUTELEIRO

Tambêm não era.

O CARTEIRO

Noiva?

A um movimento do outro:

Pode dizer, homem. Sou seu amigo.

O CAUTELEIRO, *com tristeza:*

Sim, ela ia casar, – mas não era comigo.

O CARTEIRO

Nem companheira, nem irmã, nem namorada...
Que se importa você, se ela não lhe era nada?
E que fôsse! As paixões – inda as que mais consomem! –
Não valem o futuro e a carreira dum homem.

O CAUTELEIRO

Eu lhe conto.

Depois dum silêncio:

Há um ano, ano e meio talvez,
Tive a distribuição...,

O CARTEIRO

Da zona 2?

O CAUTELEIRO

Da 3.
Nesse tempo — envelhece a gente a recordar! —
Na rua da Barroca, oitenta, quarto andar,
Morava uma pequena, olhos grandes, airosa,
Que engomava p'ra fóra e se chamava Rosa.
Nunca vi uma côr de péle tão bonita!
Sustentava um irmão pequeno, coitadita,
Mas sempre tão alegre e sempre tão contente,
Que só o vê-la rir dava alegria à gente!

O CARTEIRO, *querendo recordar-se*:

Rosa...

Vivamente:

Uma russa?

O CAUTELEIRO

Não. Trigueira. Há mais Marias,

Pausa:

Eu ia-lhe levar todos os oito dias
Uma carta do *Rio*. Amores, com certeza.
Não falhava: em chegando a Mala Real Inglesa,
Lá vinha para a Rosa a carta do Brazil.
Comecei com a zona aí por fins de abril:
Pois durante o ano todo — o que o destino engana! —
A carta não falhou uma única semana.
Quarta-feira, era certo: esperava-me à janela.
E em me vendo chegar, — ai, a alegria dela!
Ria, batia as mãos, par'cia uma criança!
Dava logo a notícia a toda a vizinhança,
Ia a correr à porta, — e eu não via mais nada,
Subia de galgão oito lanços de escada:
— «Adeus, menina Rosa, então como passou?»
Uma escada tão alta, — e nunca me cançou!

Pausa, recordando-se:

Uma vez — é verdade! — uma vez, tardei mais.
Muita correspondência, uns poucos de jornais...
Não me esperava já. Quis experimentá-la.
Entrei, peguei na carta, escondi-a na mala,
Subi a escada a rir, toquei à campainha...
— «A respeito de carta era uma vez, Rosinha!
Hoje não veio!» — «Não?» — Poz-se branca, pasmada...
Se não lhe deito a mão, caía estatelada.
— «Tome lá! Aqui tem! Veja, menina Rosa!»

Fincou as mãos na carta, e ficou tão nervosa,
Tão tonta, tão contente, – inda a sinto, inda a vejo ! –
Que riu, chorou, dançou, e no fim deu-me um beijo.
Quando alguêm se quer bem, – veja lá, veja lá :
Um nada de papel a alegria que dá !

Pausa:

Era o meu pensamento uma semana inteira :
Ir levar a alegria à Rosa engomadeira.
Emquanto não chegava a carta, eu não vivia.
– « Que diabo hei-de fazer se ela falhar um dia ? » –
Pensava. E ia sempre a tremer p'ra o correio...
'Té que um dia chegou em que a carta não veio.
Poz-se-me um nó, aqui, a apertar-me a garganta.
Tinha entrado o paquete, – e tanta carta, tanta!
Que remédio... Lá fui para a distribuição.
Havia de dizer-lhe a verdade? Isso não.
Caía para aí doente, – pobre Rosa!
A mentira é melhor porque é mais caridosa.
– «Que o *Avon* não chegou... Acontecia, às vezes..
Uma pouca vergonha, os paquetes ingleses!
Que talvez no outro dia, ou no outro...» Pobre dela
Passei na rua, olhei, não a vi à janela.
– «Ao menos não a vejo. Antes assim.» – A gente...
Isto, olhar que não vê, coração que não sente!
Ficava p'rá semana. Era coisa arrumada.
Oito dias depois, outro paquete, – e nada.
Indaguei, procurei... Aquilo, pensei eu,
Ou o homem a deixou – o canalha! – ou morreu...

O CARTEIRO, *reflexivo, escutando*

Quando gostam dalguêm são umas desgraçadas!

O CAUTELEIRO

Lá fui; passei na rua: as janelas fechadas.
Inda me lembro: as mãos puzeram-se-me frias.
Havia coisa, olá. Sem carta há quinze dias,
A pequena, e não vinha esperar-me à janela?
Entrei na sôbre-loja e perguntei à adela,
Uma alta, bexigosa: – «Olhe lá, ó vizinha.
Que é da menina Rosa?» – «Está doente.» – «A Rosinha?»
– «Tem estado muito mal. Já lá foi o doutor...»
Quis ir vê-la, subir, – mas sem carta era peor.
Ia afligí-la mais. Era pena perdida...
Deitei a mão à mala e lá me fui à vida.
Passou-se uma semana, outra semana inteira,
Dois paquetes, – até que numa quarta-feira,
Fui a vêr, – vinha carta! A carta, finalmente!
Ai, você sabe lá como eu fiquei contente!
Vêr a Rosa! Poder, p'la minha própria mão,
Ir levar-lhe a saúde, a vida, a salvação!
Que alegria p'ra ela, – e p'ra mim, que alegria!
Uma carta, um papel, um nada, – e o que valiá!
Não o dava a ninguêm por todo o oiro do mundo!
Entregaram-me a mala e abalei, num segundo.
Subi a rua. Não vi gente. Não vi nada.

Já me caía em baga o suor. Galguei a escada,
Bati à porta: não responderam. Bati
Mais: ninguêm. Inda mais: mas — que diabo! — era ali,
Não me tinha enganado... E ninguêm respondeu.
Desço ao andar de baixo: — «A Rosinha?» — «Morreu.
Enterrou-se ontem mesmo. Estava doente há um mez».
Nesse dia, chorei pela primeira vez.
Porque foi que a não vi? Que a não quis vêr? Covarde!
Ai, as cartas d'amor porque chegam tão tarde?
E porque condição, porque triste segrêdo,
É que as rosas, Senhor, se desfolham tão cedo?

O CARTEIRO, *depois dum silêncio de comoção:*

Para que cemitério a levaram?

O CAUTELEIRO

Prazeres.
As vizinhas de baixo, umas pobres mulheres,
Informaram-me então: — «Não sabe o que a matou?
A carta que o senhor lhe trouxe há um mez. Entrou
A adoecer... Coitada! Há muita gente vil!
Mandaram lá dizer ao noivo p'ra o Brazil
Que ela tinha por cá um homem em Lisboa...
Falsidade maior! E êle, é claro, deixou-a...»
A carta de há um mez, a carta que lhe dei,
Que ela aceitou a rir, — e com que eu a matei!

E a carta que talvez a viesse salvar, —
Era tarde demais para eu lh'a poder dar!
Mas embora, — que diabo! O meu dever, primeiro:
Tinha ali uma carta. Era eu, ou não, carteiro?
Pois bem! Ia fazer — coragem, coração! —
Pela última vez uma distribuição.
E fui ao cemitério. Era um horto, um jardim:
Coval dois mil e seis, uma cruz lá no fim...
Muito sol, muita flôr, a terra inda molhada...
Levei-lhe a última carta à última morada.
Ela já não a lia, a não ser lá do céu;
Mas havia de ouvir-me. Abri-a, e li-lha eu:

Recitando a carta, de cór:

— «Minha querida Rosa. Eu torno-te a escrever
P'ra te pedir perdão do que te fiz sofrer.
Sei já que me enganei (Deus lhes dê o castigo!)
Vou breve a Portugal para casar comtigo...»

Numa lágrima:

Foi preciso morrer p'ra ser feliz... Tão nova!
Lá lhe deixei a carta entre as flôres da cova,
Escondida na terra, ao pé do coração...
Duas horas depois, pedi a demissão.

O CARTEIRO, *reflexivo:*

Desgraças! É a vida, — é o que é. É a vida.
O futuro cortado, a carreira perdida...

O CAUTELEIRO

Foi asneira, talvez. Mas que diabo, – inda bem!
Já não torno a levar a desgraça a ninguêm.

O CARTEIRO

Ora! Quem sabe lá! Isto, a vida ou a morte...

O CAUTELEIRO

Meti-me a cauteleiro, – e agora vendo a sorte.

O CARTEIRO

E eu compro-a.

O CAUTELEIRO

Mas tenho, ou má estrela, ou não sei:
Há seis mezes que a vendo, – e ainda não a dei.

O CARTEIRO

Há seis anos que a compro, – e é sempre por um triz!

O CAUTELEIRO

Deve ser muito bom fazer alguêm feliz!

O CARTEIRO, *tristemente:*

A minha matação é a petiza, coitada...
Era o dote p'ra ela, – e ficava arrumada.

O CAUTELEIRO

Deixe lá, ti' Romão. Uma vez é a primeira.
Quem sabe se aí traz a sorte na algibeira!

O CARTEIRO

Qual história!

Tirando a carteira do bolso:

E depois...

Hesitando:

Isto, assim como assim...

Resolvendo-se e tirando o vigéssimo da carteira:

Veja lá sempre o meu vigéssimo.

O CAUTELEIRO, *recebendo o bilhete dobrado:*

Pois sim.

Abre, olha, a expressão ilumina-se-lhe:

É o mil e vinte e três! É a sorte, Romão!
São seiscentos mil réis!

O CARTEIRO, *mortalmente pálido, vacilando e levando a mão ao peito:*

Ah!

O CARTEIRO

Que é lá isso? Então!

Amparando-o, aflicto:

Compadre!

O CARTEIRO, *numa voz sumida e estrangulada:*

A minha neta... Um irmão meu, no Porto...

O CAUTELEIRO

Então... Ó camarada! – Um copo d'água...

Vendo-o resvalar de bruços, na terra:

Morto!

Gritando:

Valha-me Deus!

O SUJEITO, *aproximando-se:*

Que foi?

O CAUTELEIRO

Um camarada meu...
Tinha jôgo, quis vêr... Dei-lhe a sorte, — e morreu.

O SUJEITO, *a um guarda do jardim, que se chega:*

Morto.

Junta-se gente: garotos, uma varina, etc.

O GUARDA, *ao garoto:*

Á esquadra. Uma maca. O chefe que ma mande...

O CAUTELEIRO, *ao sujeito, olhando tristemente o vigéssimo e o cadáver:*

E é a primeira vez que eu dou a sorte grande!

CAI O PANO